

FOLHA DE PERNAMBUCO

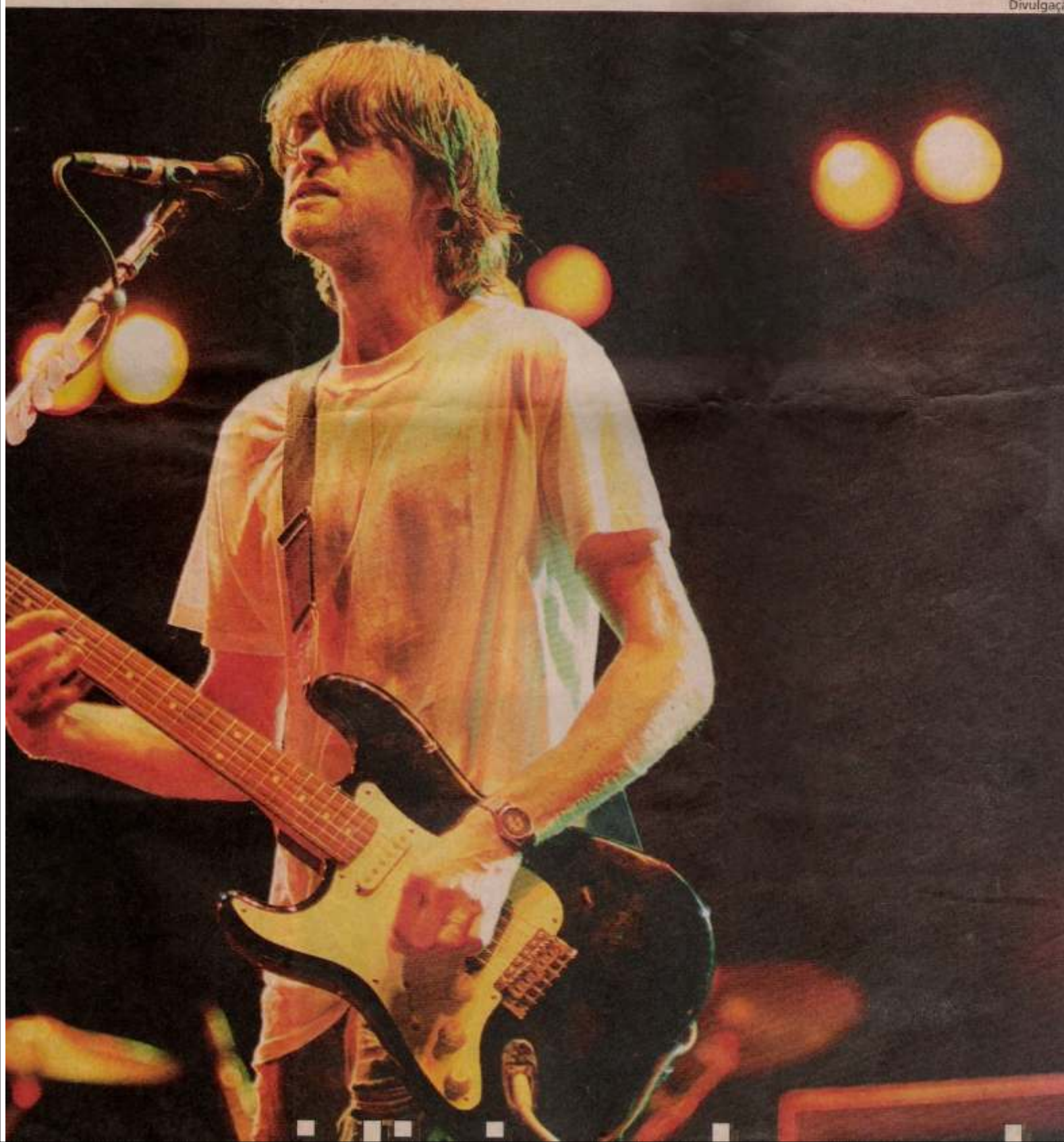
PROGRAMA

Coreógrafa
Pina Bausch
conhece a
cultura popular
PÁGINA 6



Recife, sábado, 3 de agosto de 200

Divulgaçã













deu uma casa, um som e uma televisão. "Sinto que eu tenho o saber, só não tenho condições de realizar aquilo que penso", diz Alfaiate. "Tirando esse trabalho, eu não faço questão de muita coisa na vida não", completa.

ERUDITO X POPULAR

A busca constante dos artistas contemporâneos por uma nova estética de apresentação das manifestações populares é um assunto que divide a opinião dos folcloristas. Alguns acreditam que o processo de renovação é a melhor forma de eternizar os folguedos, como é o caso do folclorista Leonardo Dantas. Outros acreditam que os novos estilos podem causar a descaracterização da arte. O historiador Mário Souto Maior acredita nessa possibilidade. "As pessoas da arte erudita sempre vão encontrar seus alicerces na cultura popular. Tudo teve início no folclore de um modo geral. O meu medo é que as novas gerações entendam esse processo de forma equivocada", diz. (M.A.)

Alexandre Gondim



Alfaiate e o Sete Flechas

Quando começou a dar mais importância a brincadeira do caboclinho do que ao ofício que daria o sustento de sua família, José Severino dos Santos Pereira fez sua escolha. Não trabalharia mais como alfaiate, profissão que lhe rendera uma confecção de ternos, tailers, saias e vestidos. Continuaría fazendo roupas, só que com muitas penas, penachos, veludos e brilho. José Severino ou apenas mestre Alfaiate, criaria, tempos mais tarde, o caboclinho Sete Flechas, um dos mais bonitos de Pernambuco. Hoje, com 73 anos, coleciona diversas histórias de como conseguiu manter o folguedo, frente às dificuldades que se apresentaram.

Numa casa que é, ao mesmo tempo, sede do maracatu, Alfaiate coleciona troféus das vezes em que foi campeão no Carnaval. Fantasias e estandartes dividem espaço com os móveis de um primeiro andar alugado, no Alto do Deodato, bairro de Água Fria, zona norte recifense. Com 74 anos, 10 filhos, 14 netos e quatro bisnetos, Alfaiate não é hoje mais nenhum entusiasta da brin-

cadeira. Diz inclusive que sempre preferiu organizar do que sair junto aos caboclos. Tomou conta de outros grupos antes do Sete Flechas e considera importante participar do fortalecimento da cultura.

Este ano ele foi convidado para ensinar caboclinhos a moradores do município de Nazaré da Mata e também para voltar ao município do Cabo, para tentar reativar o caboclinho do amigo Cabo Gato, parado desde que Gato morreu. "Ensino as loas, os ritmos e as mudanças de danças e toques", explica Alfaiate. Ele nem sabe, mas está na galeria dos mestres lembrados por artistas importantes da cena cultural contemporânea, a exemplo de Antônio Carlos Nóbrega, que diz ter aprendido com Alfaiate tudo que sabe de caboclinho.-

José Severino retribuiu com mais trabalho. A produção sempre foi o mais importante. Sua mulher, Marlene Francisca Neponucena, diz que Severino, para ganhar dinheiro, só não vendeu a geladeira. No entanto, já ven-

deu uma casa, um som e uma televisão. "Sinto que eu tenho o saber, só não tenho condições de realizar aquilo que penso", diz Alfaiate. "Tirando esse trabalho, eu não faço questão de nada mais na vida não" completa.

ERUDITO X POPULAR

A busca constante dos artistas temporâneos por uma nova estética de apresentação das manifestações populares é um assunto que divide a opinião dos folcloristas. Alguns acreditam que o processo de reativação é a melhor forma de eternizar folguedos, como é o caso do folclore Leonardo Dantas. Outros acreditam que os novos estilos podem causar a descaracterização da arte. O historiador Mário Souto Macedo acredita nessa possibilidade. "As inovações da arte eruda sempre vão encontrar seus alicerces na cultura popular. Tudo teve início no folclore de um modo geral. Meu medo é que as novas geraçõesendam esse processo de forma equivocada", diz. (M.A.)

Alexandre Gondim

O DISCÍPULO

Antônio Carlos Nóbrega



